



O bairro de Plataforma começou como fazenda do marinheiro português Antônio Oliveira de Carvalho

Missa marca os 366 anos do bairro de Plataforma

Jornal: Correio da Bahia

Data: 06/04/04

Caderno: Aqui Salvador

Página: 2

Localidade do subúrbio de Salvador tem hoje 137 mil habitantes

Adriana Jacob

Uma missa celebrada pelo padre Salvador Medina, na Igreja de São Brás, marcou ontem o 366º aniversário do bairro de Plataforma. A celebração, seguida pelo hasteamento das bandeiras do Brasil, da Bahia e de Salvador, lembrou também o descobrimento do Brasil. O bairro, que começou como fazenda do marinheiro português Antônio Oliveira de Carvalho, possui hoje 137 mil habitantes, distribuídos entre os distritos de Itacaranha, Escada, São João do Cabrito e São Bartolomeu, além dos conjuntos habitacionais Baía de Todos os Santos e Senhor do Bonfim.

A data levada em consideração para o nascimento de Plataforma é 16 de abril de 1638, dia em que o príncipe holandês Maurício de Nassau desembar-

cou naquela praia com 3.014 soldados e oito canhoneiros. "Nessa época, a Igreja de São Brás já havia sido construída por Antônio Carvalho, com a ajuda dos jesuítas", explica o presidente do grupo de jovens de Plataforma, Cláudio Silva. Os proprietários do distrito de Escada (na época, uma fazenda), Afonso Álvares e Lázaro Arévalo, também já haviam erguido lá a sua igreja.

"O nome Plataforma surgiu por causa de uma fortificação que existia onde hoje está a Fábrica São Brás", afirma Silva. Aos 27 anos, morador do bairro durante a vida inteira, Cláudio está tão envolvido com a comunidade que passou a pesquisar a história de Plataforma. Justamente por conhecer o passado e o presente do local, ele faz questão de apontar os principais problemas enfrentados por quem vive ali. "Nosso maior

problema é a falta de infraestrutura e de equipamentos culturais e de lazer", diz.

Problemas - A vendedora Nilza Santana Santos, que mora há 36 anos em Plataforma, aponta a falta de esgotamento sanitário e a pavimentação das ruas como problemas importantes a serem resolvidos. "Na Rua da Fonte, os comerciantes se juntaram e eles mesmos taparam os buracos", conta. Outro problema, segundo ela, é o vandalismo e a falta de policiamento. "Tem oito dias que as barracas amanheceram quebradas, as lixeiras arrancadas. Arrebatam até os bancos e as árvores", critica. Mesmo apontando os defeitos do bairro, ela fala que não troca Plataforma por outro lugar. "Gosto muito daqui. Cheguei a me mudar para Ilha de São João, mas voltei. Aqui ainda existe aquele clima de camaradagem entre os vizinhos", explica.

Para o presidente do grupo de jovens de Plataforma, Cláudio Silva, faltam atividades culturais que ocupem os jovens quando estão fora da escola. Ele explica que os 15 estabelecimentos de ensino do bairro são suficientes para atender à comunidade. "Acho que faltam áreas de lazer e para a prática de esportes. Há apenas o Ginásio César Borges. Como ficam desocupados, muitos adolescentes vêm se envolvendo com drogas", opina.

As igrejas de São Brás e Escada, além da Fábrica de Tecidos São Brás, são tombadas pelo Patrimônio Histórico. A fábrica, que está desativada, era a principal fonte de emprego dos moradores de Plataforma. "Hoje só resta a fachada dela. Por isso, estamos fazendo um grande abaixo-assinado para que ela volte a funcionar", sugere Cláudio Silva.

Comércio movimentado aos domingos

Enquanto uma parte dos moradores de Plataforma assistia à missa pelos 366 anos do bairro, outros estavam concentrados em conquistar clientes. Diante de frutas, verduras, raízes, mingaus, bolos, refeições e até peixes, diversos vendedores movimentam o comércio da localidade, todos os domingos. A rotina é a mesma: chegam aos seus pontos fixos por volta das 7h e depois do meio-dia começam a arrumar as mercadarias: é hora de ir para casa.

"Mesmo o movimento não sendo tão bom, prefiro abrir para ganhar qualquer coisa do que ir dormir, senão é prejuízo", avalia José Lopes da Silva, 54 anos. Há mais de dez anos, quando ficou desempregado, resolveu vender banana, pimenta, limão, quiabo, amendoim e gengibre em frente à Praça São Brás, em Plataforma. Trabalha de terça à domingo para sustentar a mulher e os dois filhos. "Mesmo assim, não dá. A sorte é que meus filhos me ajudam",

revela. Mas a vida de trabalhador dia de domingo tem lá sua folguinha. Entre a venda de um cacho de bananas e outro, seu José bebe um pouco da cerveja e coloca o copo, discretamente, no canto do tabuleiro. "A gente bebe só quando tem uma tristeza. No meu caso, é que tenho mais de R\$300 para receber dos clientes que comprem fiado e não querem me pagar", diz, em tom de crítica bem-humorada.

Numa barraca montada na

mesma rua em que Seu José Lopes trabalha, a vendedora Nilza Santana Santos vende mingau, suco, aipim com carne frita, cuscuz e feijoada. Há seis anos, ela vem trabalhar todos os dias, inclusive aos sábados e domingos. "Se eu não vier, faz falta", justifica. Além dos vendedores de rua, estabelecimentos como farmácia, supermercados e açougues também abrem as portas no domingo, em Plataforma, tal qual acontece em outros bairros populares de Salvador.